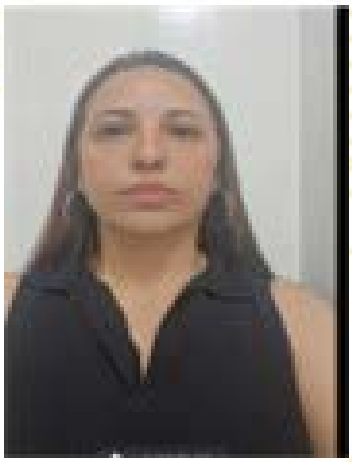
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA ERA DIGITAL: ENTRE A TRADIÇÃO E AS NOVAS FORMAS DE MEDIAÇÃO



ROSILENE DA C. SILVA SARAIVA
Graduação em Letras pela Faculdade Filosofia e Letras de Diamantina FAFIDIA (ano de 2003); Professora de Ensino Fundamental II - Língua Portuguesa - na EMEF- Milena Benedicto, Profa, na Secretaria Municipal de Educação De São Paulo(SMESP)

RESUMO

Este artigo discute a relevância da contação de histórias no desenvolvimento infantil, com ênfase na educação infantil, analisando suas contribuições para os aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança. Aborda-se o papel dos contos de fadas como instrumentos simbólicos que auxiliam na construção de significados e na formação da identidade. Além disso, examina-se a atuação do professor como mediador da leitura e as transformações dessa prática na contemporaneidade, especialmente diante da presença das tecnologias digitais. Argumenta-se que, embora novos suportes e linguagens tenham emergido, a narrativa continua sendo elemento essencial na formação de leitores críticos e sensíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Contação de histórias; Mediação pedagógica; Desenvolvimento infantil; Cultura digital.

INTRODUÇÃO

As narrativas fazem parte da experiência humana desde tempos remotos e desempenham papel fundamental na maneira como indivíduos compreendem o mundo e a si mesmos. Na infância, esse processo ganha ainda mais relevância, pois é por meio das histórias que a criança entra em contato com valores, emoções e diferentes formas de interpretar a realidade.

Entre os diversos gêneros da literatura infantil, os contos de fadas ocupam lugar de destaque por sua estrutura simbólica e por sua capacidade de abordar conflitos universais de forma acessí-

vel. Essas narrativas contribuem não apenas para o entretenimento, mas também para o desenvolvimento da imaginação, da linguagem e do pensamento crítico.

No contexto educacional, especialmente na educação infantil, a presença da literatura deve ser compreendida como prática formativa e não apenas como recurso didático. Nesse sentido, o papel do professor como mediador torna-se central, uma vez que é ele quem possibilita a construção de sentidos a partir das histórias.

Entretanto, a realidade contemporânea apresenta novos desafios. Crianças e jovens estão cada vez mais inseridos em ambientes digitais, nos quais predominam linguagens audiovisuais e interativas. Diante desse cenário, torna-se necessário refletir sobre como a tradição da contação de histórias pode dialogar com as tecnologias, sem perder sua essência.

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os contos de fadas constituem um importante recurso para o desenvolvimento integral da criança, pois oferecem narrativas que articulam fantasia e realidade, permitindo a elaboração de sentimentos e experiências. Ao entrar em contato com essas histórias, a criança tem a oportunidade de vivenciar simbolicamente situações de medo, coragem, perda e superação.

Dentro desse pensamento, Faria (2008) registra uma técnica que os ilustradores fazem para explorar uma cena ilustrativa colocando o leitor hora dentro de uma casa outra fora a observar os acontecimentos de uma janela. Nas palavras do autor:

> “A janela é, já que , uma técnica dos ilustradores para ampliar o espaço da narrativa, mostrando cenas diferenciadas e expressivas, ou fazendo o leitor” ver de fora”. O que se passa dentro do cômodo em que acontece a história. E dá ao educador a oportunidade de conversar com as crianças sobre o que dizem esses dois espaços, ampliando a competência em leitura de imagem (FARIA 2008, p.50).

Com espontaneidade a criança vai destrinchando as ilustrações fazendo uma ligação com a oralidade do professor que é o mediador da história e as imagens, construindo uma ponte entre eles. Costa enfatiza a importância do trabalho do professor mediador quando diz que:

> “Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá a seus alunos lendo e demonstrando, sempre, o intelecto e a sensibilidade”. (Costa, 2007, p. 21)

Essas narrativas apresentam estruturas simples e personagens bem definidos, o que facilita a compreensão e favorece a identificação. A partir desse processo, a criança passa a construir referências internas que contribuem para a formação de sua identidade e para o desenvolvimento de sua autonomia.

Além disso, a literatura infantil estimula habilidades cognitivas importantes, como a interpretação, a memória e a capacidade de estabelecer relações entre diferentes elementos da narrativa. Ao contrário de conteúdos prontos e pouco interativos, a escuta e a leitura de histórias exigem participação ativa, promovendo um envolvimento mais profundo com o conhecimento.

O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DA LEITURA

A mediação pedagógica é um dos fatores determinantes para que a literatura cumpra sua função formativa. O professor, ao atuar como mediador, não apenas apresenta o texto, mas cria condições para que os alunos interajam com ele de maneira significativa.

Essa mediação envolve a utilização da oralidade, da expressividade e da exploração de elementos visuais, como as ilustrações. Ao dialogar com as imagens e incentivar a interpretação, o educador amplia as possibilidades de leitura, permitindo que a criança desenvolva múltiplas formas de compreensão.

No entanto, essa prática exige mais do que técnicas. É fundamental que o professor tenha uma relação efetiva com a leitura, demonstrando interesse e sensibilidade diante das histórias.

Quando o educador se envolve genuinamente com o texto, ele tende a transmitir esse entusiasmo, favorecendo o engajamento dos alunos. A arte de contar histórias induz os ouvintes a enfrentar seus erros e a compreender seus próprios sentimentos.

Em vista disso, a formação do leitor deve ser pensada com base na sua relação com os aspectos culturais, ou seja, com os valores que lhe servem como referência. Para tanto,

> “o contador de histórias deve ser um artífice da palavra falada, de modo a assegurar à ação artística uma eficiente comunicação” (Weschenfelder; Burlamaque, 2009, p.135).

Percebemos a importância da inclusão da arte na Lei de Diretrizes e Bases de 1971.

É nesse período que a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, porém é considerada uma “atividade educativa” e não uma disciplina como as demais. Evidentemente, a obrigatoriedade da educação artística veio revestida de um discurso centrado no desenvolvimento individual dos educandos, embasada num caráter técnico□ científico e com um planejamento rigoroso que escamoteia a crítica e a contradição. (SUBTIL, 2012, p. 127).

De certa forma, desde a lei n. 5.692/71, a prática artística foi obrigatoriamente incluída no currículo, o que garantiu à disciplina que temos hoje o seu espaço. No entanto, a autora destaca a questão da polivalência e da ênfase na expressão e comunicação impostas, deixando de lado, segundo SUBTIL (2012), funções primordiais da arte, como a humanização por meio de experiências estéticas significativas, bem como as leituras críticas e criativas da realidade.

Os contadores ritualizam hábitos e costumes de uma comunidade, muitos deles com o intuito de constituir uma base “identitária”, ou seja, compor a subjetividade desse grupo. Esta prática sustentava o equilíbrio do grupo, evitando assim sua desagregação. Portanto, desde então, em sua ação o contador fazia o que Patrini (2005) nos dias de hoje recomenda para os novos contadores:

> “convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade” (PATRINI, 2005, p.106).

Assim, a contação de histórias não deve ser reduzida a um instrumento pedagógico utilitário, mas compreendida como experiência estética e afetiva, capaz de despertar o prazer pela leitura.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ERA DIGITAL

Com o avanço das tecnologias digitais, novas formas de acesso à informação e à cultura passaram a fazer parte do cotidiano das crianças. Recursos como vídeos, animações, jogos e livros digitais ampliaram as possibilidades de interação com as narrativas.

Nesse contexto, a contação de histórias não desaparece, mas se transforma. A tradição oral passa a dialogar com diferentes mídias, incorporando elementos multimodais que enriquecem a experiência do ouvinte/leitor. Sons, imagens e interatividade podem potencializar o envolvimento, desde que utilizados de maneira consciente.

A presença do ambiente digital também exige uma revisão das práticas pedagógicas. Mais do que competir com as tecnologias, a escola deve integrá-las de forma crítica, utilizando-as como aliadas na formação de leitores.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que a experiência da escuta presencial possui características únicas, como a interação direta entre narrador e público, a expressividade corporal e a construção coletiva de sentidos. Esses elementos continuam sendo fundamentais e não devem ser substituídos, mas complementados.

A NARRATIVA COMO EXPERIÊNCIA CULTURAL E SOCIAL

A prática de contar histórias sempre esteve associada à transmissão de saberes, valores e tradições culturais. Ao longo da história, os narradores desempenharam papel essencial na preservação da memória coletiva e na construção da identidade dos grupos sociais.

Na contemporaneidade, essa função se amplia, alcançando diferentes espaços e contextos. A contação de histórias está presente não apenas na escola, mas também em eventos culturais, ambientes familiares e espaços digitais.

Essa diversidade de contextos evidencia a capacidade de adaptação da narrativa, que se mantém relevante mesmo diante das transformações sociais e tecnológicas.

O contador de histórias contemporâneo, portanto, precisa desenvolver habilidades que vão além da oralidade, incorporando diferentes linguagens e estratégias de comunicação.

Hoje em dia os contadores de história devem estar prontos para enfrentar diversas situações, adaptando-se às mudanças radicais que o mundo apresenta. Mudanças não só na maneira de pensar, mas nos modos pelos quais o mundo é percebido.

Presente numa modernidade radicalizada, a arte de narrar sofre os efeitos dessa radicalidade e o novo contador reconhece a instabilidade. Para complementar a caracterização desse novo contador, apresentamos a palavra de Matéo:

> É alguém que atua na prática da narração, o que não significa atuar especialmente em uma prática artística que supõe forçosamente a representação. O contador pode se adaptar a

> diferentes espaços, diferentes atividades, diferentes experiências para recontar uma história (MATÉO, apud PATRINI, 2005, p.76).

As palavras desse autor permitem definir o perfil do novo contador, como aquele que além de adaptar-se a diferentes experiências e espaços para transpor de forma oral o texto escrito, necessita de algumas outras habilidades. Entre elas, as de poder analisar os mecanismos que entram em jogo na hora de compartilhar a história com a sua audiência, de modo a que apresenta um desempenho adequado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias permanece como prática essencial na formação infantil, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Os contos de fadas, em especial, continuam sendo ferramentas valiosas na construção de significados e na elaboração de experiências.

O papel do professor mediador destaca-se como elemento central nesse processo, sendo responsável por criar experiências de leitura significativas e envolventes. Sua atuação exige sensibilidade, conhecimento e compromisso com a formação do leitor.

Na era digital, a narrativa assume novas formas, incorporando tecnologias e ampliando suas possibilidades de alcance. No entanto, sua essência permanece ligada à interação humana, à imaginação e ao encantamento.

Dessa forma, investir na contação de histórias é investir na formação de sujeitos mais críticos, criativos e capazes de compreender o mundo em sua complexidade.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, E. C.; MATTOS, M. S. de. **Letramento e leitura da literatura.** In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (orgs.). **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: MEC, 2006.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

SISTO, C. **Textos sobre contação de histórias**. 2005.

SUBTIL, M. J. **Educação artística e formação**. 2012.

WESCHENFELDER, E. V. BURLAMAQUE, F. V. **Leitura e narrativa.** Passo Fundo: UPF, 2009.